

Boa Nova para cada dia / abril 2018

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos)

Tempo Pascal – Domingo da Ressurreição

Dom, 1 – Páscoa da Ressurreição do Senhor (Solenidade) – Ano B

At 10, 34a.37-43 / Slm 117 (118), 1-2.16ab-17.22-23 / Col 3, 1-4 ou 1 Cor 5, 6b-8 / Jo 20, 1-9

S. Gregório de Nissa, um Padre da Igreja do século IV, diz numa homilia de Domingo de Páscoa: *«Ontem, nascíamos simples filhos dos homens; hoje, nascemos filhos de Deus. Ontem, éramos os rejeitados dos céus sobre a terra; hoje, Aquele que reina nos céus faz de nós cidadãos do Céu. Ontem, a morte reinava por causa do pecado; hoje, graças à Vida, é a justiça quem toma o poder.*

Um único homem abriu-nos outrora as portas da morte; hoje, um único homem traz-nos de novo à vida. Ontem, perdemos a vida por causa da morte; mas hoje a Vida destruiu a morte. Ontem, a vergonha fazia-nos esconder debaixo da figueira; hoje, a glória atrai-nos para a árvore de vida. Ontem, a desobediência tinha-nos expulsado do Paraíso; hoje, a nossa fé faz-nos entrar nele. De novo nos é oferecido o fruto da vida para que o saboreemos tanto quanto quisermos. De novo a nascente do Paraíso, cuja água nos irriga pelos qua-

tro rios dos Evangelhos (cf. Gn 2, 10), vem refrescar todo o rosto da Igreja...». Esta é a certeza que nos habita! O Senhor está vivo e nós estamos vivos n'Ele. Para sempre!

No Evangelho deste Grande Domingo da nossa salvação, vemos como o «outro discípulo» entra no túmulo e «viu e acreditou». Entendendo, apercebe-se que o corpo não está ali e que os panos de linho que o envolviam estavam no sítio onde Ele tinha sido deposto. Viu os sinais da ausência do Corpo e acreditou. O *discípulo amado* viu e acreditou que Jesus, o Senhor da Vida, está vivo. Ele é para nós a imagem daqueles que acreditam sem terem visto. É o exemplo daqueles que acreditam pelos sinais da presença do Senhor. Este discípulo, o *outro* discípulo, vê com o coração. É o Amor o princípio da fé, é o Amor a chave que nos permite reconhecer a Verdade, é o Amor o

princípio da vida. A Fé não é cega, o Amor não é cego: longe disso! Amar é ter os olhos verdadeiramente abertos para a realidade que conta.

É curioso: o túmulo está vazio e eles sabem que o corpo não foi roubado, mas não é isto que mostra que o Senhor está vivo. Para o discípulo que o Senhor ama é o amor que “vê” os sinais e “acredita” em Jesus ressuscitado, mesmo sem O ter visto. Não é porque o túmulo está vazio que os discípulos acreditam, mas porque experimentam a presença viva de Jesus no meio deles. É a constatação de que o Senhor está vivo, e não a ausência do Corpo, que leva os discípulos à certeza da fé de que Jesus ressuscitou.

Nós acreditamos que o Senhor está vivo não porque nos disseram que o túmulo estava vazio, mas

pelos frutos que vemos acontecer na vida daqueles que acreditaram. Não é porque o corpo desapareceu que Jesus está necessariamente vivo e no meio de nós, mas é pelo testemunho daqueles que O viram que a fé em nós permite que vivamos na certeza que vem da fé de que o Senhor está vivo. Para quem não tem fé, o sepulcro vazio será sempre um enigma ou um embuste, porque lhes falta a capacidade de ver para além daquilo que os olhos veem. Só o Amor nos permite reconhecer a verdade. Só o Amor nos permite ver a nossa própria verdade e, reconhecendo o Senhor vivo no meio de nós, reconheceremos que *hoje somos filhos de Deus, hoje somos cidadãos do Céu, hoje um único Homem traz-nos definitivamente à vida nova, a vida do Espírito, a vida do Amor.*

Seg, 2 - 2º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

At 2, 14.22-33 / Slm 15 (16), 5.8-11 / Mt 28, 8-15

Dizei: «Os discípulos vieram de noite roubá-lo». (Evang.)

Os príncipes dos sacerdotes, que nunca tinham querido reconhecer os milagres de Jesus, também não era agora que iam admitir a sua ressurreição. Isto faz-me lembrar aquelas situações em que, quando embirramos com alguém, não reconhecemos que essa pessoa faça algo bem feito. Peçamos a Deus que nos dê discernimento para reconhecer quando essas situações se dão connosco. Peçamos a graça de contemplar todos os nossos irmãos fraternalmente.

Ter, 3 – 3º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

At 2, 36-41 / Slm 32 (33), 4-5.18-20.22 / Jo 20, 11-18

Vou subir para o meu Pai e vosso Pai, para o meu Deus e vosso Deus. (Evang.)

Repare o leitor que tem o mesmo Pai que Jesus, que tem o mesmo Deus que Jesus. Isto é uma graça fantástica. O Pai de Jesus é aquele Pai que atuava através de Jesus. Também atua através de nós. (Assim O deixemos.) Jesus veio revelar-nos isso: que há uma Trindade de que o Pai é a primeira pessoa (não o disse por estas palavras) e que este Pai é o seu e nosso Pai. Hoje, o leitor agradeça esta graça imensa.

Qua, 4 – 4º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

At 3, 1-10 / Slm 104 (105), 1-4.6-9 / Lc 24, 13-35

Os seus olhos estavam impedidos de O reconhecerem. (Evang.)

Às vezes, são os ouvidos. Já aqui recordei, há anos, que uma mãe contou-me que num Natal os filhos propuseram que se fizesse alguma coisa pelos desfavorecidos. «Destas coisas que as crianças dizem», explicava-me a mãe, dando-me a entender que não tinham feito nada. O leitor reze para ser sensível à voz de Deus.

Qui, 5 – 5º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

At 3, 11-26 / Slm 8, 2a.5-9 / Lc 24, 35-48

Vós entregastes e negastes (...) o Santo e o Justo (...). Portanto, arrependei-vos e convertei-vos. (1ª Leit.)

Pedro diz ao povo que este entregara e negara Jesus e que por isso agora tinha de se arrepender e converter. Quando ouvimos falar em arrependimento e conversão, geralmente pensamos em penitência, oração e, às vezes, esmola. E a esmola insere-se numa dimensão que a engloba: a caridade. Agora que passou um tempo mais formal para a penitência, o leitor centre-se mais na oração e na caridade. Faça um propósito.

Sex, 6 – 6º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

1ª SEXTA-FEIRA

At 4, 1-12 / Slm 117 (118), 1-2.4.22-27a / Jo 21, 1-14

É o Senhor. (Evang.)

Por causa da abundância de peixes, o discípulo predileto de Jesus reconheceu-O. Peçamos a Deus sensibilidade para O reconhecermos no nosso dia a dia e Lhe estarmos gratos. Deus nunca Se imporá. Serão sempre circunstâncias em que poderemos duvidar da presença de Deus, porque estamos no plano da fé. À noite, de vez em quando, façamos uma revisão do dia e tentemos descortinar onde é que Deus esteve presente. E agradeçamos-Lhe.

Sáb, 7 – 7º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

1º SÁBADO

At 4, 13-21 / Slm 117 (118), 1.14-21 / Mc 16, 9-15

Jesus apareceu em primeiro lugar a Maria Madalena. (Evang.)

Porque será que Jesus não apareceu primeiro ao predileto? Será que era só predileto no coração de Jesus? Será que ele se achava predileto mas de facto não era? Seja como for, nesta circunstância o «predileto» foi Maria Madalena, da qual tinha expulsado sete demónios. Talvez por isto mesmo, talvez por causa da sua grande conversão. Jesus gostava particularmente dos convertidos. Hoje, o leitor converta-se em alguma coisa, atitude...

Dom, 8 – Domingo II da Páscoa – Ano B

At 4, 32-35 / Slm 117 (118), 2-4.16ab-18.22-24 / 1 Jo 5, 1-6 / Jo 20, 19-31

«Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós». Isto nos diz o Senhor neste Domingo. Jesus termina a sua missão e como a conclui? Diz-nos que continuará

sempre presente em cada um de nós e envia-nos. A sua presença não é simplesmente para o nosso gosto individual, mas para a missão: somos enviados *tal como o*

Pai enviou o Filho. Somos enviados como Ele.

Como é enviado o Filho? Jesus é enviado para nos revelar o Amor do Pai. Na última ceia dá-nos a certeza de que não ficaremos órfãos, que regressará para nos dar a sua paz e a sua alegria e para fazer de nós suas testemunhas, com a força do seu Espírito. Agora estamos diante do seu regresso definitivo e glorioso com o dom do seu Espírito que faz de nós novas criaturas, capazes de amar como Ele amou. O Senhor manifesta a sua presença aos discípulos, revela que estará sempre presente e envia-os a amar *com o mesmo Amor* com que Ele é amado e com que Ele nos Ama.

É o Amor do Pai e do Filho que nos leva aos nossos irmãos e às nossas irmãs. Só amando somos fiéis ao envio do Senhor e só assim Deus será tudo em todos. Amando. Com o envio do Amor, do Espírito Santo, iniciam os tempos da criação reconciliada, são os tem-

pos da história realizada, o cumprimento do Pentecostes.

Na segunda leitura, da primeira carta de S. João, vemos isto mesmo ser dito de outra forma: «*Quem acredita que Jesus é o Messias, nasceu de Deus, e quem ama Aquele que gerou ama também Aquele que nasceu d'Ele. Nós sabemos que amamos os filhos de Deus quando amamos a Deus e cumprimos os seus mandamentos, porque o amor de Deus consiste em guardar os seus mandamentos*». Ser enviados pelo Senhor é nascer de novo, é nascer do Espírito, é ser habitado pelo Espírito Santo que é o Amor. E sabemos que amamos os outros quando cumprimos os mandamentos.

Quando perguntam a Jesus qual é o maior dos mandamentos, Ele não hesita e diz: *Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.* Somos enviados a anunciar que Deus é Amor, a mostrar aos nossos irmãos o seu rosto misericordioso. Todos somos missionários convidados a anunciar que o Amor está vivo.

Seg, 9 - ANUNCIAÇÃO DO SENHOR (Solenidade) - [Transf.]

Is 7, 10-14; 8, 10 / Slm 39 (40), 7-11 / Hebr 10, 4-10 / Lc 1, 26-38

O Senhor está contigo. (Evang.)

Deus está connosco e atua dentro de nós. Peçamos-Lhe isso. Há alguma coisa em que o leitor gostasse que Deus atuasse particularmente dentro

de si? (E talvez de outros?) Peça-Lhe isso. Pode ser uma preocupação. Uma meta que o leitor gostasse de atingir. Um trabalho que o leitor tem em mãos. Um problema de partilhas. (Ultimamente, tenho-me deparado com muitas pessoas a braços com partilhas.)

Ter, 10 - SEMANA II DO TEMPO PASCAL

At 4, 32-37 / SIm 92 (93), 1-2.5 / Jo 3, 7b-15

... também o Filho do homem será elevado para que todo aquele que acredita n'Ele tenha a vida eterna. (Evang.)

Jesus foi elevado na cruz e depois, por isso, foi elevado pelo Pai acima de todos os homens, atraindo todos os homens a Si, atraindo assim a conversão de todos os homens, sendo porta para o Pai, novo véu do santo dos santos. Agora, cada um de nós é atraído pela cruz de Cristo, que nos ajuda a levar a nossa, pois que Cristo nos ensina a amar sem limites, como Ele o fez na cruz.

Qua, 11 - SANTO ESTANISLAU (Memória)

At 5, 17-26 / SIm 33 (34), 2-9 / Jo 3, 16-21

Os homens amaram mais as trevas do que a luz. (Evang.)

As trevas escondem as obras más, as que não queremos que as pessoas vejam, aquelas de que temos vergonha mas que não conseguimos deixar de fazer. Quando fazemos uma coisa boa, uma coisa de que nos orgulhamos, até ficamos contentes se muita gente souber. São as obras da luz. (Feitas à luz e para luzirem.) Hoje, agradeçamos todas as pessoas que na nossa vida contribuem para elas.

Qui, 12 - SEMANA II DO TEMPO PASCAL

At 5, 27-33 / SIm 33 (34), 2.9.17-20 / Jo 3, 31-36

... mas a ira de Deus permanece sobre ele. (Evang.)

Quem se recusa a acreditar no Filho não verá a vida. Logo, quem acredita no Filho verá a vida. E à medida que for acreditando mais, verá a vida cada vez mais. E o que é acreditar cada vez mais? É estar cada vez mais entrosado com Cristo, ter cada vez mais empatia com a Palavra, encarnar cada vez mais a Palavra e o sopro do Espírito que age por dentro. Hoje, o leitor peça sensibilidade ao Espírito e luz para compreender a Palavra.

Sex, 13 – SEMANA II DO TEMPO PASCAL

At 5, 34-42 / Slm 26 (27), 1.4.13-14 / Jo 6, 1-15

... por ver os milagres que Ele realizava nos doentes. (Evang.)

Estas pessoas andavam atrás de Jesus por causa das curas que fazia. Quando Jesus foi preso e já não podia fazer milagres, deixou de interessar às pessoas. É muito importante não sugarmos as pessoas, não nos aproveitarmos delas, não sermos seus amigos só enquanto elas nos dizem alguma coisa. Às vezes, dedicarmo-nos a esta ou àquela pessoa pode não ser agradável mas vai dar tanto gosto a essa pessoa! Para o leitor, qual é a diferença entre ter amigos e ser amigo?

Sáb, 14 – SEMANA II DO TEMPO PASCAL

At 6, 1-7 / Slm 32 (33), 1-2.4.5.18-19 / Jo 6, 16-21

Quiseram então recebê-Lo no barco. (Evang.)

Este «quiseram» sugere-nos que podiam não querer. Deus bate à nossa porta e só entra se nós O deixarmos. Mas nós deixamos. A questão é se não O pomos fora quando queremos pecar. Assim, teríamos um Deus intermitente. De facto, é um bocado o que acontece. Quando pecamos, viramos as costas a Deus, embora Deus possa continuar connosco. (Caso dos pecados veniais.) Hoje, o leitor peça para nunca virar as costas a Deus.

Dom, 15 - Domingo III da Páscoa - Ano B

At 3, 13-15.17-19 / Slm 4, 2.4.7.9 / 1 Jo 2, 1-5a / Lc 24, 35-48

O Evangelho que rezamos neste domingo apresenta-nos uma viagem de dois discípulos que regressam, desiludidos, a casa, a Emaús, depois da morte de Jesus. Estamos quase na conclusão do Evangelho segundo S. Lucas. Este começa, logo na primeira página, por nos dizer para quem é escrito e para que é escrito. Diz assim S. Lucas: *resolvi, caríssimo Teófilo, expor a ti por escrito e por ordem «os factos que entre nós se consumaram (...) a fim de reconheceres a solidez da doutrina em que foste instruído».*

Várias coisas importantes podemos compreender a partir desta introdução: primeiro, este Evangelho é escrito para «ti, caro Teófilo»: este nome, em grego, significa «amigo de Deus», portanto, este Evangelho é escrito para ti, *caro amigo de Deus*. Em segundo lugar, sabemos que foi escrito para que tu, amigo de Deus, *reconheças* que aquilo que aprendeste, que a instrução que te deram acerca dos *factos* sobre Jesus Cristo é sólida e é verdadeira.

Esta passagem que hoje rezamos, um resumo de todo o Evangelho, mostra-nos como podemos *reconhecer* Jesus Cristo na nossa vida a partir da *instrução* que os outros nos dão. Um exemplo: ima-

ginemos uma criança que tenha crescido afastada de sua mãe. Um dia, alguém lhe diz: «esta é a tua mãe». Essa criança é “instruída” acerca de quem é aquela mulher que vê diante de si, mas ainda não a *reconhece* como mãe. Aos poucos, pelo modo como ela se comporta, pelo amor que demonstra, a criança reconhece naquela mulher a sua mãe. É só na relação com a mãe que a criança a pode reconhecer.

Os Evangelhos contam-nos muitas coisas acerca de Jesus, muitos milagres e tantos encontros. Todos estes milagres são para nós sinais de uma outra coisa. Jesus chega mesmo a restituir a vida a mortos, como fez com a filha de Jairo, por exemplo, mas sabemos, no entanto, que todos aqueles a quem Jesus fez um milagre voltarão a morrer. São sempre milagres “provisórios” e são sempre sinal do verdadeiro milagre que é o que acontece a estes dois discípulos que vão para Emaús.

Estão tristes, desiludidos, de costas voltadas para Jerusalém. Sentem que tudo não passou de um sonho, mas através das palavras de Jesus, que lhes mostra o significado das Escrituras, compreendem que era necessário que

o Messias passasse por tudo o que teve de passar. Escutando as palavras de Jesus, começa a *arder-lhes o coração*, começa tudo a fazer sentido no coração. *A Palavra muda a vida!* Quando se deixam tocar pelas palavras de Jesus, quando finalmente O reconhecem no partir do pão, regressam imediatamente a Jerusalém. E é este o verdadeiro milagre! Perceber o sentido da vida, perceber que nada nesta vida nos pode afastar do Amor de Deus.

Para estes discípulos, e para nós tal como para eles, é a experiência do encontro com o Senhor que os faz passar da morte à vida. É o encontro com a Palavra que nos faz

passar de uma vida *para a morte*, preocupados com as nossas coisinhas, como se esta vida fosse a única realidade que importa, de uma vida triste, desolada, escura, à vida verdadeira da alegria e da luz da comunhão com os outros.

Os dois discípulos que caminhavam para Emaús até sabiam muitas coisas: eles conheciam Jesus! Mas não tinham compreendido nada. Sabiam coisas, mas ainda não tinham experimentado a presença do Senhor vivo e presente na vida deles. A fé é o encontro com o Senhor ressuscitado, é experimentar que Jesus está vivo e operante na nossa vida.

Seg, 16 - SEMANA III DO TEMPO PASCAL

At 6, 8-15 / Slm 118 (119), 23-24.26-27.29-30 / Jo 6, 22-29

Procurais-Me... porque comestes... (Evang.)

A relação dos apóstolos com Jesus foi da fase da absorção, do receber, até à fase da evangelização. De uma fase infantil para uma fase adulta. A nossa também devia estar numa fase adulta. Numa fase de evangelização do outro. A nossa evangelização do outro pode dar-se de várias maneiras: pelo nosso testemunho silencioso, pelas nossas conversas privadas ou no emprego, por mails ou sms que mandamos, etc. O leitor puxe pela imaginação. Hoje, reze sobre isso.

Ter, 17 - SEMANA III DO TEMPO PASCAL

At 7, 51 - 8, 1a / Slm 30 (31), 3cd-4.6ab.7b.8a.17.21ab / Jo 6, 30-35

Trabalhai (...) pelo alimento que dura até à vida eterna. (Evang.)

A comunhão é o alimento que dura até à vida eterna. É o próprio Cristo. Cristo «dura» durante a vida eterna. Nós vamos comungando e sendo sustentados por este sacramento que nos dá vida espiritual, que nos faz andar e progredir, assim estejamos em consonância com ele e não seja uma rotina. A comunhão corre o grande risco de ser uma rotina. Hoje, o leitor peça devoção a Jesus eucarístico.

Qua, 18 – SEMANA III DO TEMPO PASCAL

At 8, 1-8 / Slm 65 (66), 1-7 / Jo 6, 35-40

A vontade d'Aquele que Me enviou é esta: que Eu não perca nenhum dos que Ele Me deu. (Evang.)

O mesmo é dizer «que nenhum de nós se perca». É vontade de Deus que nenhum de nós se perca. E a vontade de Deus é a vontade de um Deus todo-poderoso que, quando a ovelha se extravia, agarra nela ao colo e a traz de volta para o redil. Não sabemos como é que isso se dá, mas sabemos que temos o infinito poder de Deus do nosso lado. E é preciso um pecado muito grande para abalar este infinito poder de Deus. O leitor é capaz de cometer um tal pecado?

Qui, 19 – SEMANA III DO TEMPO PASCAL

At 8, 26-40 / Slm 65 (66), 8-9.16-17.20 / Jo 6, 44-51

Ninguém pode vir a Mim se o Pai (...) não o trazer. (Evang.)

É o Pai que nos traz. É o Pai que nos traz a Jesus e é Jesus que nos leva ao Pai. Por isso, são um (com o Espírito Santo) e nós somos levados a Deus. Mas temos de nos deixar atrair. Temos de ter fé nas nossas experiências de Deus. Às vezes, podem-nos parecer boas demais e não acreditamos nelas. Se tiver dúvidas, o leitor aconselhe-se com um diretor espiritual. Mas uma experiência muito boa não tem por que não vir de Deus. Hoje, o leitor reveja as suas experiências.

Sex, 20 – SEMANA III DO TEMPO PASCAL

At 9, 1-20 / Slm 116 (117), 1-2 / Jo 6, 52-59

Saulo (...), embora tivesse os olhos abertos, nada via. (1ª Leit.)

Algumas vezes, tenho um grande nevoeiro mental porque o meu irmão não me ajuda a ser empático com ele. Tem-me acontecido conversar com pessoas que falam muito baixinho e quase não conseguir ouvir o que dizem. O leitor já está a dizer: «peça para falarem mais alto». Não resulta, é assim que falam. Mas então só sacam de mim uns «pois» que tentam mais ou menos acertar com o que eu pressinto que estão a dizer. Outras pessoas falam de longe e de costas. É preciso ajudar os outros a amar-nos. (Nisto ou em outros aspetos.)

Sáb, 21 – SEMANA III DO TEMPO PASCAL

At 9, 31-42 / Slm 115 (116), 12-17 / Jo 6, 60-69

A partir de então, muitos dos discípulos afastaram-se. (Evang.)

Os discípulos afastaram-se porque as palavras de Jesus eram muito duras. E Jesus perguntou aos Doze se eles também se queriam afastar. Os Doze estavam ligados a Jesus por uma afetividade diferente, apesar de na paixão terem fugido. Penso que vale a pena o leitor perguntar-se se na paixão arriscaria também ser crucificado – foi esse o medo de Pedro – para estar ao pé de Jesus.

Dom, 22 – Domingo IV da Páscoa – Ano B

At 4, 8-12 / Slm 117 (118), 1.8-9.21-23.26.28cd.29 / 1 Jo 3, 1-2 / Jo 10, 11-18

«*Eu sou o Pastor Belo*», assim nos diz o Senhor. Estamos, se calhar, mais habituados à tradução que diz «o Bom Pastor», e é verdade que o nosso Pastor é o Bom Pastor, mas é mais do que «bom». É o Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas.

Dizer que é o *Pastor Belo*, para a nossa mentalidade de hoje em dia, não tem a mesma força que teria quando S. João escreveu o seu Evangelho. Confundimos facilmente beleza com aparência, mas «belo» significa *verdadeiro*,

autêntico, bom, que faz bem aquilo que faz. A verdadeira beleza é de agradável presença, atrai para alguma coisa de bom, faz de nós pessoas boas. Enquanto que a falsa beleza seduz e atrai para si mesma, a verdadeira beleza dá-nos alegria, enche-nos de um prazer autêntico e bom, e conduz-nos, não para si mesma, mas para o Outro. *Esta é a beleza que salva o Mundo.*

Nós, na nossa vida, mais ou menos conscientemente, agimos seguindo aquilo que nos dá prazer, isto é, procuramos fazer aquilo de que gostamos e seguimos aqueles que apreciamos. Muitas vezes, deixamo-nos seduzir por falsas belezas e acabamos por fazer aquilo que até não queríamos e não é bom nem para nós nem para os outros. É mesmo muito importante ver a beleza do nosso Pastor para O seguir e agir tal como Ele. A alternativa que cada um de nós tem é a de seguir o Pastor da vida ou um dos pastores da morte que nos levam, seduzindo-nos, por um caminho feio, escuro e fechado em nós mesmos. Jesus não é simplesmente um pastor entre tantos pastores bons, mas é «O» Pastor. Não temos outro verdadeiro. O único que cuida de cada um de nós. É Aquele que

Se expõe e oferece a própria vida para nos salvar.

A primeira característica do nosso Pastor, o Bom Pastor, o Pastor Belo, é o amor e a coragem em defender cada um de nós. Os outros pastores que a vida, por vezes, nos apresenta, acabam por nos deixar sozinhos, tristes, desamparados, desiludidos. Só Ele nos conhece pelo próprio nome. Só Ele coloca a sua vida à nossa disposição, a sua vida que é o amor pelo Pai. E chama cada um de nós pelo nome: Ele não dá a vida pelo *rebanho* das ovelhas, mas por cada uma delas; Ele não dá simplesmente a vida pela Humanidade, *mas dá-a por ti!* Dá a vida por ti. Conhece o teu nome, sabe a tua história, está contigo no teu sofrimento e na tua dor.

Quando reconhecemos em Jesus o Pastor Belo, Aquele que faz da nossa vida um lugar de beleza, então iremos com Ele e seremos n'Ele um só corpo e um só espírito. Tendo Jesus como mestre e Senhor, seguindo-O com a nossa vida, então os nossos atos serão belos e, por isso, bons e verdadeiros. Verdadeiramente bela é aquela pessoa que vive a sua existência tal como Jesus nos mostrou, é a nova humanidade viva em Cristo vivo.

Seg, 23 – SEMANA IV DO TEMPO PASCAL

At 11, 1-18 / Slm 41 (42), 2-3; 42 (43), 3-4 / Jo 10, 1-10

Não conhecem a voz dos estranhos. (Evang.)

Isto seria o nosso ideal: não conhecermos a voz de estranhos. Mas nós conhecemos a voz de estranhos, seguimos os estranhos. De vez em quando, é bom debruçarmo-nos sobre as três tentações de Jesus e vermos como é que a nossa vida anda a esse respeito. A tentação do ter: ou irmos comprando muita coisa ou não comprarmos nada para acumularmos dinheiro. A tentação do poder: chegarmos a cargos de poder ou mandarmos nas pessoas à nossa volta. A tentação de nos fazermos elogiar: fazermos coisas para que nos admirem. Hoje, o leitor faça um exame de consciência.

Ter, 24 – SEMANA IV DO TEMPO PASCAL

At 11, 19-26 / Slm 86 (87), 1-7 / Jo 10, 22-30

As obras que Eu faço em nome de meu Pai dão testemunho de Mim. (Evang.)

Não é costume preocuparmo-nos muito se as nossas obras dão testemunho de Cristo. E, ao certo, o que é que isso seria? Seria juntarmos mais o Evangelho à nossa vida. Seria amarmos com mais discernimento. Muitas vezes, rezamos para um lado e agimos para o outro. As coisas não têm a ver umas com as outras. As nossas ações não são inspiradas pelo Evangelho. As do leitor são? Em quê? Quando?

Qua, 25 – S. MARCOS, EVANGELISTA (Festa)

1 Pe 5, 5-14 / Slm 88 (89), 2-3.6-7.16-17 / Mc 16, 15-20

Quem entre os filhos de Deus será igual ao Senhor? (Salmo)

Jesus diz-nos que sejamos perfeitos como o Pai é perfeito. Mas é um ideal. (Um ideal tão elevado que nós nem nos esforçamos.) Mas devíamos esforçar-nos, porque o Céu será um assemelharmo-nos a Deus mais e mais, porque a nossa capacidade de amar vai sempre

aumentando cada vez mais, logo, vamo-nos assemelhando a Deus cada vez mais. E podemos começar esta caminhada já aqui na terra.

Qui, 26 – SEMANA IV DO TEMPO PASCAL

At 13, 13-25 / Slm 88 (89), 2-3.21-22.25-27 / Jo 13, 16-20

Estarei sempre a seu lado e com a minha força o sustentarei. (Salmo)

Seremos sempre sustentados pela força de Deus. Às vezes, não nos lembramos disto. Às vezes, temos tendência para desistir quando tudo parece negro à nossa volta e não nos lembramos – porque o sofrimento nos fecha – que Deus está ao nosso lado. Com Deus, as coisas acontecem. O impossível transforma-se em possível. A luz volta a brilhar. Eu já experimentei isto na minha vida. Se calhar, o leitor também já experimentou. De futuro, lembre-se disto. Hoje, reze sobre isto.

Sex, 27 – SEMANA IV DO TEMPO PASCAL

At 13, 26-33 / Slm 2, 6-7.8-9.10-11 / Jo 14, 1-6

... virei novamente para vos levar Comigo. (Evang.)

Esta frase de Jesus consola-me muito e suponho que ao leitor também. Como Jesus não veio em grande esplendor e glória no «fim dos tempos» levar os apóstolos, é óbvio que se referia à ressurreição de cada um, individualmente. Assim, podemos esperar que Jesus também nos venha buscar na hora da nossa ressurreição. Assim como Maria, sua Mãe. O leitor medite nisto e agradeça.

Sáb, 28 – SEMANA IV DO TEMPO PASCAL

At 13, 44-52 / Slm 97 (98), 1.2-3ab.3cd-4 / Jo 14, 7-14

Há tanto tempo que estou convosco e [ainda] não me conheces...? (Evang.)

Como é evidente, Filipe conhecia bem Jesus. Portanto, Jesus estava a referir-Se a outra dimensão do conhecimento. Um conhecimento interno. Um conhecimento do interior de Jesus pelo interior de Filipe.

Um conhecimento de coração a coração. Jesus repreendia Filipe por não ter intuído que Ele era a imagem do Pai. Este é um conhecimento que nós também temos de ter: um conhecimento que não é completamente racional. Um conhecimento, por exemplo, dos estados de espírito de Jesus. Ou um conhecimento do Pai através de Jesus. Peçamo-lo.

Dom, 29 – Domingo V da Páscoa – Ano B

At 9, 26-31 / Slm 21 (22), 26b-28.30-32 / 1 Jo 3, 18-24 / Jo 15, 1-8

A imagem da vinha é conhecida já no Antigo Testamento: o Senhor é o Agricultor que planta a vinha para o seu povo, mas aquilo que Jesus nos diz no Evangelho deste domingo é um pouco diferente: «Eu sou a verdadeira vide e meu Pai é o agricultor». É o próprio filho de Deus que é a videira e nós os seus ramos.

É interessante que já em Ezequiel se fala da videira, mas sublinhando a inutilidade da sua madeira. Isto é: os ramos cortados da videira são inúteis, a sua madeira só serve para ser queimada. Nem sequer as cinzas servem para alguma coisa. Isto significa que o verdadeiro e único sentido para a videira é o seu fruto, as uvas. Não serve mesmo para mais nada.

«Porventura podem colher-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?», diz o Senhor. Se queremos uvas, então precisamos das videiras. Ora, Cristo é a vide e nós os ramos, portanto, o fruto que se

espera de nós é aquele que a «vide» produz. Somos ramos de uma vide muito particular que dá frutos muito particulares. Se somos realmente ramos ligados à vide, então a linfa que nos atravessa é a vida de Jesus Cristo, isto é, o Amor.

A vida de Deus é o amor, o dom de Si aos outros. É a única coisa que Ele sabe fazer: amar. A única coisa que serve para realizar em nós aquilo que somos: amar. É este o único sentido da nossa vida: deixarmo-nos atravessar pelo Amor de Deus, tal como os ramos da videira são atravessados pela linfa, até vermos o fruto na nossa vida. De outro modo, o Homem não serve para nada e, tal como os ramos são deitados fora, também nós deitamos fora a nossa vida. Podemos até comer, beber e dormir, mas estamos só a sobreviver e não a viver realmente.

«Quem não serve para servir, não serve para nada», sublinha o Papa

Francisco. A única coisa para que servimos é para Amar. Quem não ama está desligado do tronco que é Cristo e não pode dar os frutos que poderia dar ligado a Ele. Cada um de nós tem sentido só se agarrado a Cristo. Só n'Ele nos tornamos divino-humanos, que é o mesmo que dizer que somos de Cristo.

O texto fala ainda de duas “podas”: a primeira, é o Senhor que corta tudo aquilo que dentro de nós não dá fruto. Mas é Ele quem corta, é Ele o podador que, na medida em que nos abrimos à sua presença, vai cortando aquilo que em nós é impedimento para que dêmos fruto. Mas há uma segunda poda: «Ele limpa todo aquele que dá fruto, para que dê ainda mais fruto». Qual é o fruto da videira?

As uvas, poderíamos responder, mas estas realizam-se no vinho. O objetivo do agricultor é ter bom vinho! Por isso, há uma segunda limpeza que pode até sacrificar alguns ramos que até dariam uvas, mas com o objetivo de dar bom vinho: sacrificar alguns ramos que dariam mais uvas, para que aquelas que dão uvas sejam melhores.

Ao longo da vida, vamos sendo surpreendidos com momentos de dor e de sofrimento. Estes podem ser momentos em que nos deixamos purificar pelo Senhor, para que o fruto da nossa vida seja cada vez mais o amor, para que a nossa vida seja cada vez mais acolher a vida que vem de Cristo, a vida que é o Espírito Santo e que nos faz dar frutos de Amor.

Seg, 30 – SEMANA V DO TEMPO PASCAL

At 14, 5-18 / Slm 113 B (115), 1-2.3-4.15-16 / Jo 14, 21-26

Se alguém aceita... (Evang.)

Neste texto, Jesus fala da liberdade que o leitor tem em aceitar os seus mandamentos. Jesus diz «se». Mas o leitor pode não querer, não poder, não conseguir aceitar os mandamentos. Pode estar deprimido, zangado com Jesus, zangado com a Igreja... Fale nisso a um amigo. Não se feche. Desabafe. Fechar-se é o pior. E peça a um amigo que reze por si, se o leitor não for capaz de rezar. (Ou talvez que reze consigo...)